

EDITORIAL:
**Tópicos especiais da educação, desigualdades sociais e
escolares**

Seres ou não seres
Eis a questão
Raça mutante por degradação
Seu dialeto sugere um som
São movimentos de uma nação
Raps e Hippines
E roupas rasgadas
Ouço acentos
Palavras largadas
Pelas calçadas sem arquiteto
Casas montadas, estranho projeto
Beira de mangue, alto de morro
Pelas marquises, debaixo do esporro
Do viaduto, seguem viagem
Sem salvo conduto é cara a passagem
Por essa vida, que disparte
Vida de cão, refrão que me bate
De Porto Alegre ao Acre
A pobreza só muda o sotaque.
(Música: “Seres Tupy”, de Pedro Luís)

Na edição passada dedicamos um dossiê ao tema “Educação e Interculturalidade”. Os artigos versaram sobre as questões ligadas às diferenças ou diversidades socioculturais e trouxeram em seus bojos categorias analíticas de cultura, raça/etnia, gênero e outras. A temática em questão abordou sobre o conteúdo emancipatório

em prol das lutas pelo direito à diversidade e pela conquista da cidadania, visando contribuir para as reflexões sobre o direito à diferença nas pautas das políticas educacionais do Brasil.

Neste número, lançamos o dossiê temático “desigualdades sociais e escolares”, sem perder de vista as questões relativas às diversidades socioculturais (raça/etnia, gênero, geração e cultura), sem cindi-las das desigualdades sociais (classe). O dossiê “Desigualdades Sociais e Escolares” é organizado pela nossa editora associada nesta edição, a pesquisadora Luciana Pedrosa Marcassa (Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre as Transformações do Mundo do Trabalho – TMT/UFSC – e coordenadora adjunta do OESC – Observatório da Educação de Santa Catarina – CED/UFSC), contando com a contribuição de reconhecidos pesquisadores pela relevância social e acadêmica de seus estudos.

Assim, os artigos que compõem o dossiê são fruto de desdobramentos de trajetórias de dissertações mestrado e teses de doutoramento, além de pesquisas resultantes de intervenções realizadas em espaços formais (escolas) e não formais (movimentos sociais). Na apresentação bastante fundamentada da organizadora do dossiê, que segue este editorial, pode-se constatar o alto nível das reflexões teórico-metodológicas realizadas pelos autores e autoras, principalmente, no que diz respeito às problematizações, realizadas à luz da crítica materialista histórico-dialética. Neste sentido, os artigos trazem, de maneira implícita e explícita, as reflexões sobre a divisão de classes no âmbito da lógica do capital e que gera as abissais “desigualdades sociais”, que expressam nas “desigualdades escolares”. Ao apreciar o teor epistemológico, ontológico do dossiê da edição passada e desta, fica o seguinte desafio dos educadores-pesquisadores: lutar, de forma articulada, contra as desigualdades sociais na sociedade capitalista (luta de classes) e,

simultaneamente, reconhecendo a legitimidade das lutas em prol das diferenças ou diversidades socioculturais (gênero, raça/etnia, cultura, geração, deficiência e outras).

Com o dossiê desta edição e da passada, pretendemos fomentar o debate realizado na linha de pesquisa II do Mestrado em Educação da Unochapecó, que tem como tema e escopo a problemática das “desigualdades sociais e diversidades socioculturais e práticas educativas”. De outro lado, devido à emergência e atualidade desses problemas sociais, ensinamos dar continuidade ao debate já instaurado na pós-graduação das linhas de pesquisa de outras universidades, nos GT’s da ANPEd e na produção de pesquisas em educação em geral: livros, anais de congresso, periódicos etc.

O dossiê publicado nesta edição é de suma relevância, uma vez que suscita a seguinte reflexão: a desigualdade social e a pobreza são problemas sociais que afetam a maioria dos países da sociedade capitalista na atualidade. Isto significa dizer que a desigualdade social tem como eixo político-pedagógico e ideológico a divisão de classe, cujas repercussões adentram na vida social dos sujeitos nos âmbitos do trabalho, na economia, na cultura, na educação e em outras instâncias da vida cotidiana. O conceito de desigualdade social compreende diversos tipos de assimetrias de desigualdades, que podem abarcar desde desigualdade de oportunidade, de resultado, até desigualdade de escolaridade, de renda, de gênero etc. De modo geral, a desigualdade econômica e de classe social é chamada imprecisamente de desigualdade social, muito embora seja dada pela distribuição desigual de renda e da riqueza material e imaterial.

É mister salientar que o processo histórico de produção das desigualdades sociais se dá no âmbito da chamada “crise do capital”¹,

¹ MÉSZÁROS, Istvan. *A Crise Estrutural do Capital*. São Paulo: Boitempo, 2011.

em cujo momento histórico pode-se perceber, contraditoriamente, o seu “sucesso” material e sua ação destrutiva e ameaça à sobrevivência do planeta. Com efeito, Mészáros, através de densa investigação, apresenta uma radical e devastadora crítica às engrenagens que caracterizam o sistema sociometabólico do capital, debruçando-se ao longo de todo o século XX. O autor constata que o sistema do capital não tem limites para a sua expansão, convertendo-se numa processualidade incontrolável e profundamente destrutiva. Tudo isso se passa a partir do que Marx chamou de “mediações de segunda ordem”, isto é, quando tudo passa a ser controlado pela lógica de valorização do capital, que não leva em consideração os imperativos humano-sociais vitais. A produção e o consumo supérfluos acabam por gerar a corrosão do trabalho, que tem como consequência a precarização e o desemprego estrutural, além de impulsionar uma destruição da natureza em escala planetária jamais observada anteriormente. Essa expansão destrutiva do sistema do capital se dá na busca crescente e desmedida de mais-valor, pautando-se pela superfluidade e descartabilidade sem limites. Todo esse processo, baseado em um longo período dominado pelos ciclos, faz com que o sistema venha assumindo, de acordo a formulação de Mészáros, a forma de uma “crise endêmica, cumulativa, crônica e permanente”². A crise do capital é, portanto, engendrada no interior da sociedade e se expressa na dimensão dialética do mundo do trabalho e da educação. Sendo

² ANTUNES, Ricardo. Introdução: Substância da Crise. In: MÉSZÁROS, Istvan. *A Crise Estrutural do Capital*. São Paulo: Boitempo, 2011.

assim, não existe uma crise do trabalho e da educação em si, mas uma crise do sistema sociometabólica do próprio capital.

Pode-se dizer que a relevância do debate nesta revista em torno das desigualdades sociais e escolar torna-se ainda mais iminente, quando se constata que, em alguns setores da academia, há ainda um ponto de vista do senso comum acadêmico conservador, em cujos discursos e práticas a desigualdade social é concebida por muitos como natural e inevitável, uma vez que sempre existiu e existirá a desigualdade ou a “diferença” de classe social. Senso assim, para esses intelectuais conservadores e adaptados, não haverá rupturas e possibilidades de superação da lógica do capital. Essa representação social ainda está muito arraigada, tanto nos debates acalorados do senso comum acadêmico, quanto no senso comum nas rodas informais para além dos corredores e salas de aula das universidades, enfim, nas conversas espontâneas no cotidiano da vida social.

Tudo isso nos leva a intuir que a sociedade das mercadorias não beneficiou equanimemente a população mundial. Em meio a todo esse processo engendrado pela economia política capitalista, ocorrem os enormes desequilíbrios entre nações, regiões e indivíduos, que se traduzem em a riqueza em excesso e a pobreza extrema coabitando espaços no campo e na cidade. Assim, os dados estatísticos e as evidências empíricas, no Brasil e América Latina, mas também em grande parte das regiões do mundo, têm mostrado a existência de algumas centenas de bilionários que controlam uma riqueza substantiva. Os dados têm mostrado que essa produção de mais riqueza pelos capitalistas é superior àquela possuída por centenas de milhões de indivíduos. Também tem mostrado que em alguns países é comum observarem-se contrastes profundos

entre faustosos padrões de vida de poucos e carência elementares de grande parte da população em termos de trabalho, educação, moradia, saúde, lazer e outros pontos das agendas das políticas sociais e públicas³. Apesar do quadro conjuntural descrito, há um grande alarde e propaganda por parte do governo sobre o suposto fim da miséria. Mesmo assim, nem os dados estatísticos oficiais, nem a propaganda são suficientes para por fim à miséria da classe trabalhadora. Neste sentido, uma constatação está posta: as desigualdades socioeconômicas ainda não foram reduzidas e as desigualdades escolares continuam seu curso, e este fenômeno se repete nos países economicamente avançados e fundamentalmente, nos chamados países subdesenvolvidos, ou melhor, periféricos. Nestes termos, fica a pergunta: é possível acabar com as desigualdades sociais sem destruir o capitalismo?

Na esteira dos debates sobre desigualdades sociais e desigualdades escolares, se circunscrevem as reflexões e críticas sobre as políticas públicas e sociais, em especial, das políticas educacionais. Neste sentido, é de suma atualidade as discussões em torno do tema da chamada “inclusão social”, que nós pesquisadores refletimos criticamente sobre os impactos dos diversos programas de governo sobre as classes trabalhadoras empobrecidas, como o controverso “programa de geração de renda” Bolsa Família. Todas essas questões suscitam a necessidade de que, ao pensarmos em desigualdades sociais e escolares, façamos o exercício crítico sobre os “limites” (assistencialismo e filantropia) e as “possibilidades” (impactos sociais concretos ou avanços ocasionados pela precariedade dessas políticas compensatórias e emergenciais), que são

³ CATTANI, Antonio David (Org.). *Riqueza e Desigualdade na América Latina*. Porto Alegre, RS: Zouk, 2010.

evocadas e celebradas pelo Governo de Dilma Rousseff como promotoras do fim da “miséria extrema” no Brasil, isto é, da inclusão das “criaturas da deriva social”⁴.

É nessa conjuntura que as desigualdades sociais se articulam com as desigualdades escolares, trazendo à tona a “inclusão precária”. Este tipo de inclusão desigual traz em seu bojo uma grande carga de precarização escolar, tanto no que diz respeito às questões ligadas ao mundo do trabalho docente (salários de miséria, jornadas de trabalho excessivas, condições insalubres de trabalho, saúde, formação continuada precária, entre outras), quanto no que se refere à precarização da realidade material das escolas, como falta de equipamentos, instalações precárias. Essas questões atingem aos trabalhadores assalariados em geral e, fundamentalmente, aos trabalhadores da Educação, cujas lutas têm apontado a necessidade iminente da luta pelo piso salarial, para além das políticas educacionais fomentadoras de inclusão precária e subemprego, ou seja, da “precarização flexível”, da exploração e precarização da força humana de trabalho no ensino público.

Essa situação, oriunda da crise do capital, que engendra a crise na educação, termina promovendo, por um lado, a desistência da educação e, por outro lado, a intensificação da luta política e de classe, tanto em nível nacional, quanto internacional. Esse fato é perceptível na organização dos professores nas inúmeras greves acontecidas nos últimos anos. A principal reivindicação dos atuais movimentos do magistério público brasileiro está na veemência do cumprimento da lei federal que instituiu, há mais de dois anos, o “Piso Nacional para os Professores da Educação Básica” e,

⁴ Expressão forjada por Gilberto Noll citada por: FREIRE, Marcelino. *Amar é crime*. Edith, 2010.

consequentemente, por uma educação pública, de qualidade e socialmente referenciada. Neste sentido, há uma onda de protestos contra os cortes para a educação em diferentes níveis de governo e, aliado a isso, há proposta de o governo parar de pagar a dívida pública e, finalmente, investir 10% do PIB no setor.

Antes mesmo de falar sobre a sessão *Artigos de demanda contínua*, é preciso registrar uma nota de destaque sobre a origem dos trabalhos publicados esta edição. Grosso modo, os textos do dossiê, da sessão artigos e diversas sessões são oriundos de grupos de pesquisa já consolidados em nível nacional e internacional (grupos de pesquisa de universidades de Portugal, Espanha e França).

A sessão artigos reúne textos sobre diversos tópicos especiais e essenciais para o debate educacional, alguns já bastante debatidos em eventos científicos, teses e dissertações, livros e periódicos, mas sempre atuais. Os artigos abordam diversas questões polêmicas, relevantes, tais como: a escrita e a produção acadêmica, infância e estilo de vida, infância, educação, direitos sociais e castigos, formação de professores, memória e museu, TICs (Tecnologias da Informação e comunicação), Educação de Jovens e Adultos, juventude, gênero e Movimento hip-hop e outros. A sessão é inaugurada com o texto “Escrita, autonomia e autoria: os desafios da produção acadêmica e da constituição intelectual”, de autoria de Adriano de Oliveira (PPGE/UFSC), Monike Caroline Zirke Machado (PPGE/UNESCO) e Rafael Cunha Lara (PPGE/UFSC). Os autores tratam de questões que perpassam o processo de produção acadêmica, em especial aquelas entrelaçadas com a escrita,

autonomia e autoria. Há no artigo importantes reflexões sobre as questões inerentes ao constituir-se autor a partir da escrita, aos desafios de se tornar autor e autônomo em um contexto cultural permeado de tecnologias digitais, além dos desafios impostos às universidades para a formação de autores autônomos em um contexto de produtivismo acadêmico cada vez em ascensão.

De Portugal (Universidade do Minho-Instituto de Educação/Centro de Investigação em Estudos da Criança), vem à contribuição de Alberto Nídio Silva com o artigo “Crianças: estilo de vida e vida com estilo”. O autor discorre sobre o cotidiano informal das crianças e seus estilos de vida. Ele reflete sobre as vivências que são próprias às crianças e as relações entre culturas da infância e cultura lúdica. A cultura lúdica infantil, como componente seminal do processo de socialização da criança, tem sua expressão maior na riqueza do folclore infantil e suas tradições oriundas da herança cultural intrageracional que alimentou a sua permanência. Neste *modus vivendi* das crianças estampa-se um estilo de vida que, paradoxalmente, interroga o que, por inquestionável pertinência, deverá conter uma vida com estilo apropriado à sua peculiar condição. A partir dos resultados a que conduziram as investigações que foram desenvolvidas no decurso de um estudo empírico feito com quatro diferentes gerações vivas, foram traçados os contornos deste novo paradigma que virou do avesso a vida das crianças.

De volta para o Brasil, retornamos ao passado com os estudos da infância, tendo como referência o artigo de autoria da pesquisadora-educadora e jurista Ana Maria Melo Negrão (PUC/Campinas; UNISAL/Campinas; CMU/Campinas) “Infância, Educação e direitos sociais: castigos aplicados às Órfãs do Asilo da Santa Casa de Misericórdia de Campinas-SP”. O artigo toma como base

as fontes documentais: documentos do acervo da Santa Casa de Misericórdia, biblioteca do Centro de Memória da Unicamp e, em especial, depoimentos e fotografias de egressas para relatar como eram as traquinagens e os castigos aplicados às órfãs pela Congregação de São José de Chambéry; objetiva perquirir quais as repressões previstas nas propostas educacionais das Irmãs de São José de Chambéry, Asilo da Santa Casa de Misericórdia de Campinas (SP), fundado para amparar centenas de órfãs desvalidas, em razão da epidemia de febre amarela que assolou Campinas em 1889. A conclusão é que por falta de políticas públicas de atendimento, o Asilo de Órfãs configurou-se como uma estratégia de política educativo-social, na elite campineira excludente, integrada pelas categorias sociais dominantes – Igreja, Imprensa e Oligarquia – representando para Campinas o único local de acolhimento às órfãs pobres e, em especial, às negras.

Outro tema desta sessão diz respeito ao problema da “Pesquisa-formação de professores nas dissertações, teses: 1999-2008”, de autoria de Luis Eduardo Alvarado Prada e Andréa Maturano Longarezi (Universidade Federal da Integração Latino Americana – Unila). O escopo da pesquisa é “conceituar pesquisa-formação, com vistas a contribuir para a construção de um campo conceitual-prático da pesquisa e da formação de professores e para a construção de uma epistemologia da formação docente”. O texto faz um recorte desse objetivo para mapear as denominações dadas pelos autores das dissertações e teses dos Programas de Pós-graduação em Educação das Universidades Brasileiras (período 1999-2008) às modalidades de pesquisa e ou metodologias realizadas mediante pesquisas de intervenção para formação de professores. Foram encontradas 7.390 dissertações e/ou teses. Mediante análise dos títulos, palavras-chave e resumos, foram identificadas 1.353 pes-

quisas sobre formação de professores. Dessas, 177 foram identificadas como pesquisa intervenção para a formação de professores, nas quais resultaram mais de 40 denominações de tipos e/ou metodologias de pesquisa. A pesquisa também resultou uma listagem de autores que fundamentaram os tipos de pesquisa ou metodologias utilizadas pelos autores dos trabalhos de dissertações e teses. Esses resultados mostram um reduzido número de pesquisas de intervenção no país e a hegemonia de certas concepções tradicionais, a maioria fundamentada em autores estrangeiros.

No ponto de vista da história da educação, temos uma bela e relevante pesquisa realizada por um coletivo de autores composto por Vera Lucia Gaspar da Silva e Gisela Eggert-Steindel sob o título “Museu da Escola Catarinense: uma biografia”. A intenção de pesquisa foi reunir informações que favorecessem a visibilidade de parte das muitas ações já desenvolvidas pelo e no Museu da Escola Catarinense desde sua criação e um pouco do volume de recursos públicos e humanos investidos. Mesmo assim, há muitas lacunas. Contudo, o que se pode reunir dá mostras da fertilidade de projetos de pesquisa, extensão e ensino, do valor da memória educativa como mote para se articular ações deste gênero e, acima de tudo, da necessidade de, enquanto instituição de ensino superior do estado de Santa Catarina, gerida com recursos públicos, assumir a responsabilidade pela guarda da memória da educação deste estado. São móveis, fotografias, quadros, livros, registros documentais e o próprio prédio que, cada um a seu modo, falam um pouco de nossa história. Preservar esta memória, mais que um desejo, é nossa obrigação.

Os estudos geracionais são contemplados com dois artigos sobre juventude nesta sessão. O primeiro, de autoria de Dóris Regina Marroni Furini (EJA/UFSC), intitula-se “A cabeça pensa a partir

de onde os pés pisam: os sujeitos jovens e a EJA”. A autora apresenta um ensaio da análise de duas categorias teóricas fundamentais quando se discute processos educativos com jovens na Educação de Jovens e Adultos/EJA: juventude e sujeito. O texto toma como ponto de partida a Juventude e sua constituição como categoria histórica, social e cultural. Do mesmo modo, analisa as questões relativas à constituição da categoria sujeito e sua relação com os direitos na contemporaneidade. Analisadas estas duas categorias, são discutidos elementos decorrentes delas, mais especificamente no campo educativo com jovens da EJA. Deste modo, é problematizada a invisibilidade da juventude na vida escolar e sua consequente transformação de sujeito jovem em aluno. Por fim, à guisa de conclusão, procura compreender as implicações pedagógicas de se trabalhar a partir das especificidades dos processos de aprendizagem destes sujeitos, em que se destacam as contribuições da perspectiva Histórico-Cultural em Psicologia.

O segundo texto sobre juventude tem como título “Repensando as relações de gênero no Movimento hip-hop”, de autoria de Ângela Maria de Souza (Universidade Federal da Integração Latino Americana – Unila). O artigo discute questões de gênero a partir das práticas musicais de integrantes do Movimento hip-hop que fazem Rap. Debater gênero e suas formas de manifestação é fundamental para compreendermos as relações culturais que perpassam as práticas educacionais. Gênero, música, juventude, relações étnico-raciais estão nos contextos escolares e constituem nossas práticas educacionais e fazem parte do cotidiano profissional dos(as) educadores(as). Um outro deslocamento importante para pensar o Movimento hip-hop situa-se nas relações de gênero, e as músicas podem nos trazer alguns pontos de interrogação relevantes para pensar sobre o assunto. A questão que a autora procura

destacar é sobre a interseção e a relação entre homens e mulheres que caracterizam as relações de gênero. Assim, para realizar essas análises, ela utiliza as músicas para pensar sobre algumas direções que estas relações vêm tomando dentro do Movimento hip-hop.

O espaço *Fórum permanente sobre a Educação Básica* está contemplado com o texto escrito por Sidinei Pithan da Silva (PPGE/Unijuí-RS): “Os educadores em face da educação escolarizada: dos vínculos constitutivos do ofício à natureza multidimensional de seu exercício contemporâneo”. O autor, norteado pelas palavras-chave “Saberes Docentes, Escola, Crise na Educação”, discorre sobre a construção da profissão professor na contemporaneidade e circunscreve os vínculos históricos das transformações sociais, educacionais, científicas, filosóficas, tecnológicas e culturais ocorridas neste período. O texto busca ainda: “compreender melhor os acontecimentos que possibilitaram a construção da docência na contemporaneidade e dos saberes requeridos para atuar nesta modalidade envolve a problematização e o resgate acerca dos vínculos históricos que se estabeleceram entre educação, escola e sociedade, mais precisamente no que diz respeito à função social que esta terá que desempenhar, bem como das instituições responsáveis pela sua estruturação, organização e financiamento”; tenta, ainda, situar e compreender historicamente os vínculos contextuais que se estabeleceram entre o espaço e tempo social contemporâneo com o espaço e tempo escolarizado; tenta compreender a situação da docência nos últimos vinte anos. Por fim, embasado em pesquisas de estudiosos portugueses, como Antonio Nóvoa, propõe-se a refletir sobre as novas relações que se estabelecem no contexto

contemporâneo das reformas, enfocando e associando a situação de “mal-estar docente” e “crise na educação” às novas formas de percepção do espaço e do tempo características das sociedades humanas contemporâneas.

A sessão *Resenhas* traz reflexões críticas de Ionice da Silva Debus (PPGE-UFSM) sobre obra de Emília Ferreiro “Reflexões sobre Alfabetização”. Após a leitura da obra, a autora da resenha destaca a importância da mesma para os educadores, pois, segundo ela, Emília Ferreiro traz importantes contribuições para as discussões da alfabetização e seus desafios, cujo tema é muito presente no cotidiano escolar e no meio docente. O livro se constitui em uma leitura obrigatória a todos aqueles educadores que almejam exercer a docência com coerência.

Como já mencionada em outras edições, a sessão *Caminhos Abertos*, como o próprio nome indica, está aberta para diferentes experiências com pesquisas que não estejam abrangidas nas demais sessões, como exercícios de pesquisa em disciplinas da pós-graduação, estágios de docência, relatos de experiência de pesquisa e outras. Este é o caso da pesquisa “Hacer para aprender y aprender haciendo”, realizada na Espanha por Montserrat Vargas Vergara (Facultad de Ciencias de la Educación, Universidad de Cádiz) e Federico Rodríguez Rubio Cortadellas (Facultad de Medicina de la Universidad de Cádiz). A pesquisa tem os seguintes propósitos: “La propuesta que se presenta, fruto de la investigación entre el Departamento de Urología y Ciencias de la Educación, centra la formación del estudiante en el reconocimiento de sus propias necesidades. Partiendo de la investigación como medio

para la formación y un nuevo diseño de las prácticas hospitalarias de Urología, como espacio para constatar conocimientos y detectar nuevas necesidades de aprendizaje. Como novedad en la investigación y formación en Urología, se plantea la necesidad de atender a distintos campos de saberes: saber, saber hacer, saber ser y saber estar, desde un enfoque pedagógico que guíe las acciones docentes y discentes. El resultado ha sido el diseño de las prácticas de Urología y la elaboración de una guía para la docencia y el aprendizaje basada en los principios de formación propuestos por el EEES y con una clara intención de acercamiento a la práctica reflexiva como parte de la formación universitaria.”

Outro texto originado de pesquisa multidisciplinar é de autoria de Claudia Klein (PPG em Agronomia da Universidade de Passo Fundo) e chama-se “A questão de gênero e a Pedagogia da Alternância em Casa Familiar Rural de São José do Cedro (SC)”. Aqui é abordada a falta de qualidade do ensino na área rural e até mesmo a ausência deste em alguns locais pelo Brasil, fatores que estimulam o êxodo rural, o que provocou o crescimento desordenado das cidades, sem infraestrutura adequada. Muitos agricultores acabam encaminhando seus filhos para escolas urbanas, porém, em alguns locais, mediante a organização da comunidade, surgem as escolas familiares rurais, baseadas na pedagogia da alternância que tem a educação voltada para a realidade do meio rural, com valores e cultura específicos do campo, que prepara os jovens e adolescentes do campo para o campo; porém, a mulher muitas vezes é rejeitada neste contexto, por ter historicamente exercido funções essencialmente femininas e agora passa a frequentar a escola rural e aprender sobre o dia a dia do campo. Ainda existem pessoas que não conhecem esse tipo de escola (esta metodologia de ensino); frente a isto se torna necessária a fundamentação de tal, para que

as pessoas passem a ser capazes de refletir e criar um novo olhar para a educação da população do campo e entender o papel que a mulher passa a exercer no contexto atual.

Maria Regina Johann (PPGE/Unijuí-RS) debate sobre o estágio de docência com o texto “Quatro âmbitos da constituição do conhecimento em artes visuais na perspectiva da arte contemporânea”. Aqui está em pauta o tema da arte contemporânea e sua justificação no ensino das Artes Visuais. Indica conteúdos e propõe questões que poderemos apresentar aos alunos para enfrentar essa abordagem problematizando aspectos acerca da arte contemporânea, tais como: o sistema da arte, o lugar do artista, do mercado e do público, explicitando características artísticas presentes na criação contemporânea, entre elas a mestiçagem, o hibridismo, a apropriação e a recontextualização. Diante disso, justifica-se a presença dessa abordagem na educação por acreditar que conhecer arte contemporânea de modo contextualizado e tensionado em relação à arte da tradição empodera o aluno à compreensão crítica dessa manifestação artística, contribuindo, também, para o entendimento do seu lugar no mundo humano. Para a abordagem desse tema são trazidos os quatro âmbitos que envolvem o domínio de uma matéria a ser ensinada: o que é isso (a matéria a ser ensinada)? Como se pode entender isso? Por que isso consta do currículo? O que modifica uma vida sabendo disso? Esses âmbitos são tratados a partir do conceito de Arte Contemporânea e alguns de seus conteúdos com foco no Ensino Médio.

A sessão também tem como objetivo buscar os nexos da formação inicial com a pós-graduação, além de veicular pesquisas resultantes de projetos de Iniciação Científica, TCCs, projetos de extensão, estágio supervisionado e reflexões oriundas de proces-

sos de formação continuada e projetos de extensão e outras pesquisas realizadas por instituições de ensino superior. Assim, o texto de Márcia Scarpari de Giácomo, “A educação como caminho e possibilidade para novas dinâmicas sociais” (Faculdade Salesiana Dom Bosco de Piracicaba), trata dos impactos sociais advindos do cenário de profundas transformações e de crises multifacetadas, presente no atual contexto histórico sob a égide do sistema capitalista neoliberal, procurando focalizar principalmente o que concerne ao âmbito da educação. A autora procura despertar a atenção dos educadores para a necessidade da elaboração de dinâmicas pedagógicas mais criativas que promovam a sensibilização e a apropriação de um conhecimento consistente e criticamente consciente por parte do alunado, visando à emancipação e à constituição de seres solidários e partícipes na gestão de uma sociedade mais equânime.

“A inclusão escolar no município de Paranaíba (MS): reflexões sobre a atuação profissional do monitor de alunos com deficiência” é um trabalho construído por um coletivo composto pelos seguintes autores: Ana Claudia de Souza, Giovani Ferreira Bezerra, Milene Ferreira Bezerra, Priscila do Nascimento Costa e Washington Cesar Shoiti Nozu (Universidade Estadual de Mato de Grosso do Sul – UEMS). O texto reflete sobre a chamada Educação Inclusiva, chamando a atenção para a importância de se garantir condições mínimas de acesso e permanência dos alunos com alguma deficiência nas salas de aula comuns do ensino regular, muitos sistemas de ensino têm recorrido à contratação de monitores para realizar o acompanhando dos educandos com necessidades educacionais especiais no cotidiano escolar. Os dados indicam que os monitores também chamados de auxiliares, privilegiam a socialização dos

alunos que lhe são confiados, mantendo uma relação distante com a coordenação pedagógica e mesmo com os professores regentes, o que ratifica a ideia de uma “inclusão excludente”.

Na sessão *Textos Audiovisuais*, destacamos o vídeo disponibilizado nesta edição sobre o MMC-Movimento de Mulheres Camponesas do Brasil. O filme “A afirmação de muitas histórias” é produzido e dirigido pelas próprias mulheres do MMC e traz para os leitores as teses mais importantes sobre a história de constituição do movimento e suas lutas.

Para concluir, agradecemos a todos os autores de todas as sessões, em especial, à organizadora do dossiê “desigualdades sociais escolares” Luciana Pedrosa Marcassa e aos autores deste e, para tanto, retomamos um trecho da música evocada na epífrase que abre este editorial:

Por essa vida, que disparte
Vida de cão, refrão que me bate
De Porto Alegre ao Acre
A pobreza só muda o sotaque...

Florianópolis, outono de 2013
Mauricio Roberto da Silva
Editor